



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ROSIMERI SALVADOR**

**(depoimento)**

**2006**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-124

**Entrevistado:** Rosimeri Salvador

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** Florianópolis/SC

**Entrevistadores:** Ana Paula Duarte

**Data da entrevista:** 21/01/2006

**Transcrição:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Conferência Fidelidade:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Copidesque:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Pesquisa:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Fitas:** (01 fita) 124/01-A

**Total de gravação:** 20 minutos

**Páginas Digitadas:** 8

**Catálogo:** Vera Maria Sperandio Rangel

**Número de registro:** 02131/2010/01

**Número de registro da fita:** 02131/2010/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

SALVADOR, Rosimeri. *Rosimeri Salvador (depoimento, 2006)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

## **Sumário**

Início do envolvimento com o judô: professores na época, conciliamento das atividades com o judô, escolha do judô, significados; preconceito inicial às judocas; mudança de visão do judô feminino; apoio dos pais, colegas; divulgação na mídia; ídolos, pessoas referências na prática; seleção brasileira feminina; trabalho junto ao CETE; estrutura das competições, campeonatos; treinamento; falta de incentivo ao judô feminino.

Florianópolis, 21 de janeiro de 2006. Entrevista com Rosimeri Salvador, a cargo da entrevistadora Ana Paula Duarte, para o Centro de Memória do Esporte.

A.D. – Rosimeri, queria te perguntar, como que tu começou no judô?

R.S. – Eu comecei em 1981 no Grêmio Foot-Ball Porto Alegre<sup>1</sup> e fui com uma colega que tinha interesse em treinar judô como defesa pessoal. Eu fui só por curiosidade para acompanhar. Quando eu cheguei lá, fui, devido ao meu porte físico, convidada. Eu nem tinha interesse, nem sabia o que era o judô. O pessoal perguntou qual era a minha idade - eu tinha quinze anos na época, quatorze anos - e perguntou se eu não queria treinar judô. Me ofereceram uma bolsa e daí comecei a praticar.

A.D. – E quais eram os professores na época?

R.S. – Era o Fernando Lemos<sup>2</sup> e Edson [palavra inaudível]<sup>3</sup> que era o monitor dele, que o pessoal era iniciante.

A.D. – E como tu consegui conciliar as tuas atividades com o judô?

R.S. – O treinamento a gente fazia de noite. Então, eu estudava na parte da manhã, ainda fazia o magistério e depois a tarde fazia cursinho, durante um ano. Depois, de noite, a gente fazia o treinamento. Depois, quando eu concluí o segundo grau, comecei a treinar mais horas. Fazia preparação física pela manhã no centro de treinamento do estado. Começamos a treinar lá, fazia atletismo, toda a parte física fazia lá no CETE<sup>4</sup>.

A.D. – Então, tu não tinha noção antes do que era judô? Não foi porque tu já gostava de judô.

R.S. – Não. Foi por acaso mesmo.

---

<sup>1</sup> Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903.

<sup>2</sup> Fernando Machado de Lemos

<sup>3</sup> Nome sujeito à confirmação

<sup>4</sup> Centro Estadual de Treinamento Esportivo

A.D. – E por que o judô? Por que tu escolheu o judô?

R.S. – Na verdade acho que foi o judô quem me escolheu porque eu fui acompanhando uma colega, como eu te disse, e eu não tinha nem noção do que era judô. Para mim não tinha muita diferença para as artes marciais. Como fui convidada, me ofereceram uma bolsa para não precisar pagar mensalidade e eu acabei me interessando e, depois que comecei a praticar, não consegui mais... Até hoje pratico e consigo mais... Porque eu vi que é diferente. Eu já tinha praticado outros esportes, handebol, basquetebol, mas o judô tem toda uma parte filosófica que a gente ou se adapta a ele e segue ou não consegue continuar.

A.D. – Então, qual o significado do judô na tua vida?

R.S. – Eu acho que minha vida e o judô é uma coisa só, porque os meus amigos todos são relacionados ao judô, minha profissão é relacionada ao judô, a parte profissional. A maior parte do meu tempo passei realizando treinamento, competições e até hoje. Casei dentro do judô. Então, eu acho que a minha vida e o judô é uma coisa só.

A.D. – Tu pegou então o judô depois da época que foi permitida a prática de competição feminina e como tu viu o apoio da federação, como que tu via essa parte de apoio para o esporte feminino e para o judô?

R.S. – No início era uma coisa meio tímida esta participação feminina. Então, ainda tinha muito preconceito do pessoal que assistia. Tinha aquela coisa assim, da mulher que pratica um esporte, uma arte marcial, era considerada já meio homossexual, aquela masculinização da mulher. Mas eu acho que, na minha geração de judocas, a gente conseguiu mudar bastante isso porque a gente começou a conquistar títulos pelo Rio Grande do Sul e títulos importantes, campeonatos brasileiros, convocações para seleção brasileira. Então, tudo partiu do feminino. As primeiras vezes que o Rio Grande do Sul saiu campeão geral em alguma modalidade foi no feminino, as primeiras atletas a serem convocadas para a seleção brasileira foi no feminino, a primeira medalha internacional do judô do Rio Grande do Sul foi feminino. Então, eu acho que isso abriu muito as portas do judô feminino: os resultados de competição. Fez com que a gente fosse bem respeitada dentro da federação e da confederação também.

A.D. – Como tu via o apoio dos pais, a reação dos teus colegas de colégio, como era?

R.S. – O pessoal, quando eu comecei, também estranhava. A maioria das pessoas não conhecia muito o judô. Depois que a gente começou a participar de competição e ter resultado, aí foi... O pessoal torcia, acompanhava.

A.D. – Tu sentia algum tipo de preconceito em relação...

R.S. – Não. Comigo, diretamente, não. A gente sempre via o pessoal com comentários maldosos.

A.D. – Como tu via a divulgação na mídia? Era boa?

R.S. – Olha, como todo judô, como todo esporte amador, ele perde muito espaço para o futebol, por exemplo. Então, ele é muito limitado. A gente teve um exemplo agora. Até hoje eu acho que o judô tem uma parte muito pequena na mídia. Tivemos um atleta campeão mundial pela primeira vez, foi noticiado, mas de repente tu não ouve mais nada e fica por isso mesmo.

A.D. – Tu tinha na época, depois que tu começou a conhecer mais o judô, algum ídolo que tu se espelhava? Alguém que era referência para ti?

R.S. – Olha, tinha uma judoca que quando eu comecei que a gente... A Iara<sup>5</sup> era uma pessoa que a gente admirava. A Iara, a Eliane<sup>6</sup>, a [palavra inaudível] que eram, na época, as top's do Rio Grande do Sul. Então, a gente tinha uma admiração por elas. No caso, seriam pessoas que a gente achava tão distante chegar lá como elas, títulos. A Iara foi a primeira faixa preta que eu conheci, uma excelente judoca. Também acho que era uma das referências para nós.

A.D. – Quando ia representar teu clube, era por equipe e vocês se juntavam e faziam uma só ou ia cada um com a sua equipe?

---

<sup>5</sup> Iara Mary da Cunha Pazos

<sup>6</sup> Eliane Pintanel Teixeira Prondrynski

R.S. – Quando era campeonato brasileiro representando o estado no caso, cada clube classificava seus atletas e formava uma equipe só que era a seleção gaúcha, no caso. A gente era bem forte como equipe, tinha bastante, diversos clubes na época.

A.D. – Mas no caso vocês, era uma equipe distinta da Stylo<sup>7</sup>? Tu começou em um clube diferente das meninas, da Iara, da Eliane...

R.S. – Eu nunca treinei, nunca fui atleta da Stylo. Já treinava lá nos treinos da seleção feminina, mas nunca atleta da Stylo.

A.D. – Então, vocês competiam contra...

R.S. – Contra. Já competi com a Eliane várias vezes. Até uma das coisas que me motivava é que o técnico delas, o César<sup>8</sup>, era bem competitivo, ele sempre torcia muito. Sempre tinha vontade de vencer porque ele ficava o tempo inteiro implicando e gritando. Então, aquilo me dava mais vontade de ganhar das atletas dele [riso]. Mas, quando ele era técnico da seleção, era bem bom também porque a gente competia, todo mundo, pelo estado.

A.D. – O judô era e é visto ainda por algumas pessoas como um esporte elitizado, precisa de um recurso maior para poder ensinar a sua prática. E, na época, como era visto? Porque, principalmente Porto Alegre<sup>9</sup> que é muito vinculada a clubes. No teu caso, tu não chegou a pagar, mas muitas, acho, que pagaram.

R.S. – É. Mas é que tinha lá na época uma coisa que infelizmente no Rio Grande do Sul não tem mais que é o Centro de Treinamento do Estado. Então, lá, milhares de pessoas treinavam judô, praticamente, gratuitamente. Era uma mensalidade simbólica e era nível escolar. Então, isso foi uma coisa que fez muita falta. Depois que o CETE fechou, essa chance que as pessoas tinham de fazer este treinamento gratuito ficou mais restrito. O CETE, sem dúvida, foi o maior celeiro de atletas do Rio Grande do Sul. Uma quantidade enorme de pessoas treinavam lá, tanto ginástica, como judô, atletismo, gratuitamente. Acho que os melhores atletas do Rio Grande do Sul saíram de lá. Então, naquela época, tinha

---

<sup>7</sup> Academia Stylo Judô Clube 1986

<sup>8</sup> César Hernandez

esta possibilidade. Depois ficou muito difícil no Rio Grande do Sul. O pessoal era menos, desfavorecido para fazer.

A.D.- Como era o perfil das turmas quando tu treinava?

R.S. – Eu treinei no Grêmio e no CETE. No Grêmio treinava junto com o pessoal da escolinha mesmo, pessoas bem novinhas, bem pequeno, até porque era o treino mais cedo. Depois no CETE a gente já treinava junto, misto, masculino e feminino, todo mundo junto e tinha um pessoal que era da competição que treinava a noite. Tinha as escolinhas durante o dia e a noite era o treinamento para competição.

A.D. – Com o treinamento, tu percebeu alguma diferença de estrutura muscular no corpo...

R.S. – Sim, a gente adquiri muito mais massa muscular. No pescoço bastante...

A.D. – Tu percebia de repente a visão de outras pessoas de tu se tornar masculinizada, que as pessoas tem essa impressão?

R.S. – Olha, eu, sinceramente, nunca tive este problema [riso]. Não consegui perceber assim... Mas em algumas outras colegas já foi, porque o pessoal ficava mais definida. O pessoal, às vezes, olhava já com outros olhos. Realmente ainda tinha aquela coisa, associando com...

A.D. – A questão filosófica do judô: o que ela representa para ti?

R.S. – O judô é um dos poucos esportes que dá uma sustentação, uma personalidade para o praticante. Então, nos momentos que a gente está com dificuldade, qualquer coisa da vida particular, a gente já relaciona com o judô e tenta superar, como uma luta, um combate que a gente cai e tem que levantar de novo e seguir adiante. Eu acho que essa parte do judô, todos que praticaram durante muito tempo, levam para o resto da vida.

A.D. – Como eram os campeonatos, como eram estruturados, divisão de classes...

---

<sup>9</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul



R.S. – Como não havia muitas competidoras, a gente, às vezes, lutava... Era só dividido a cima de quinze anos. Não havia esta divisão como hoje tem. Quando eu entrei no judô, não tinha juvenil, júnior, já era adulto a cima de quinze anos, todo mundo junto e como não tinham muitas praticantes, competidoras e, às vezes, não tinha nem adversária em cada categoria, então, juntava, fazia os absolutos.

A.D. – Então, não tinha campeonato para menores de quinze anos?

R.S. – Não, era assim: até quinze anos. Depois começou a ter alguns campeonatos, mas de quinze a dezessete seria juvenil, depois até dezenove é júnior e depois seria sênior, não tinha. A cima de quinze anos era adulto direto. A gente não tinha essa divisão como tem hoje de três em três anos, por idade.

A.D. – Tu sentia alguma diferença do teu treinamento, do treinamento feminino para o masculino?

R.S. – Não, porque eu sempre treinei junto com o masculino. Claro, que eles... A gente sentia a força física maior. Mas como era dado o treinamento, era igual.

A.D. – A rotina do treinamento, que periodicidade vocês treinavam?

R.S. – Geralmente eram de três a quatro vezes por semana. Três vezes por semana no início, duas horas e depois eu comecei a fazer treinamento [palavra inaudível] de preparação física, até chegar, treinar, às vezes, todos os dias da semana. Porque tinha o treino do clube segunda, quarta e sexta e terça e quinta os treinos da federação.

A.D. – Então, além de atleta na época, depois tu tem um envolvimento, eu acho que quase 100% com o judô. Tu chegou a fazer outra função dentro de campeonatos, arbitrar ou no caso, dar aulas também?

R.S. – Cheguei a arbitrar, fui diretora do departamento no CETE durante muito tempo.

A.D. – Então, qual a tua formação no judô?

R.S. – Trabalhei como árbitro, porque era obrigatório para tu ser promovido. Eu fiz também a função de diretora de judô lá no CETE, muito tempo, depois a gente formou uma associação para poder competir com os outros clubes e trabalhei dando aula, tanto no Rio Grande do Sul como aqui em Santa Catarina agora, que estou desde 1986, dando aula em escolinhas e depois no estado.

A.D. – Tu chegou a fazer alguma faculdade?

R.S. – Eu sou formada em pedagogia.

A.D. – Por que tu incentivaria as mulheres a praticarem judô?

R.S. – Em primeiro lugar, porque é uma arte marcial associada a uma filosofia e também, hoje em dia, muito pela parte da defesa pessoal, porque dá muita segurança para a gente. E sempre no esporte é saúde para tudo. Mas, principalmente, pela parte filosófica e de defesa pessoal que o judô representa para a gente.

A.D. – Eu, ainda hoje começando a praticar, vejo poucas mulheres, pouca gente aderindo ao judô. A gente acaba também indo para campeonatos e não competindo. Eu queria saber de ti se tu de repente... Que olhar tu tem deste método da competição, porque a competição não é...

R.S. – Eu acho que no Rio Grande do Sul teve alguns picos de participantes. Teve uma época que teve pouca gente no início, depois foi bem divulgado o judô feminino, começou a ter os resultados. Aí houve um esvaziamento. Teve gente que foi para São Paulo, eu vim para cá e houve uma queda também no judô feminino. Mas a nível de Brasil, eu que participo de competições, até ano passado em São Paulo e aqui também em Santa Catarina, eu acho que cresceu muito. São Paulo tem quase a mesma, em competições fortes como Jogos de São Paulo, quantidade de atletas masculino como feminino. Por exemplo, na minha categoria peso-pesado que, no Rio Grande do Sul, às vezes, eu tinha duas ou três no máximo, lá em São Paulo eu chego a ter vinte quatro da minha categoria. Então, eu acho que a questão mesmo é do sul do país. Aqui em Santa Catarina também carece ainda de volume. É que as pessoas não têm aquele incentivo para continuar. Então, a gente dá aula

para um monte de menininha e, quando elas chegam na idade, tem que trabalhar, estudar e tem que optar. Como não tem um incentivo elas tem que largar para poder estudar, fazer faculdade, trabalhar.

A.D. – Eu queria saber se tu gostaria de comentar mais alguma coisa que de repente eu não tenha comentado da época, que tu te lembra que seja importante falar.

R.S. – Eu acho importante essas primeiras praticantes que foram as pioneiras, que romperam com todos os preconceitos e passaram por todas as adversidades. Inclusive, tem um caso de umas atletas que eram do Rio de Janeiro que, em 1979, elas foram para um pan-americano e eram filhas de um ex-presidente da confederação brasileira [palavra inaudível] e elas tiveram que raspar o cabelo, cortar bem curtinho para ir com o passaporte como se fosse homem, se inscreverem como homem, porque no Brasil não podia competir ainda e elas foram competir em um pan-americano fora, um sul-americano fora. Quer dizer, isso aí é gostar e é romper. Sem essas pessoas, a gente não teria tido essa abertura que hoje a gente tem. Importante salientar: as pioneiras de tudo isso, que tiveram coragem de romper contra os preconceitos que para a época, 1970, 1970 e poucos, era muito complicado. Então, se hoje a gente tem um espaço quase que igual deve-se a essas pessoas que abriram as portas.

A.D. – Eu queria agradecer pelo teu depoimento e pela tua disponibilidade. Muito bom...

R.S. – Eu queria agradecer. Acho esse teu trabalho importantíssimo.

A.D. – Muito Obrigada.

[FINAL DO DEPOIMENTO]